

ESPERANÇAR PARA NÃO NOS CONFORMAR

VERBOS FREIREANOS NA IDEALIZAÇÃO DO PROJETO MENINOS DO SAL

RAFAEL COUTINHO NERI¹

RESUMO: O presente artigo consiste na apresentação da história de vida do autor interligada a idealização do Projeto Meninos do Sal. Histórias entrelaçadas pelo desafio de crescer, viver e sobreviver no Salgueiro (São Gonçalo, RJ). Ser menino e viver nesta comunidade tem sido um difícil exercício diante da violência que se instaurou e da forma em que o Estado têm organizado o combate a tal fenômeno social nessa localidade. Em meio a este cenário, o autor busca através do artigo destacar a importância dos verbos Freireanos no enfrentamento aos danos que afetam e ameaçam a existência dos meninos Salgueirenses. Não conformado com a conjuntura posta e motivado pelo desejo de mudança, bem representado na transformação da realidade territorial e, principalmente, da vida dos meninos, o autor cria o Projeto Meninos do Sal. Uma iniciativa social que é apresentada no texto em questão como resultado do não conformismo e do esperar em busca do efetivo direito de que meninos possam crescer, viver e não temer a morte pelo fato de viverem numa comunidade marcada por riscos e vulnerabilidades.

Palavras-chave: Educação, Projeto Meninos do Sal, Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que viver na comunidade do Salgueiro (São Gonçalo – RJ) virou sinônimo de sobrevivência, e os meninos, moradores e ao mesmo tempo sobreviventes, estão, constantemente, sob a mira de duas formas de violência: por um lado, estão na mira das ações e investidas do tráfico e por outro lado estão no alvo das intervenções e operações policiais. E os efeitos dessa triste realidade são facilmente percebidos nas inúmeras notícias de adolescentes apreendidos ou assassinados no bairro.

Em meio a este caos implantado no Salgueiro se encontram meninos que sobrevivem, arduamente, as investidas e intervenções dos que

¹ Pedagogo, especializando em Pedagogia Social para o século XXI – UFF/Niterói. Professor da Educação Complementar do Sesc RJ. Criador e coordenador do Projeto Meninos do Sal – Salgueiro, São Gonçalo, RJ. (leafar.neri@gmail.com).

“promovem e dos que combatem” a violência na comunidade. Tais meninos buscam trilhar outros caminhos, diante das poucas possibilidades que os são ofertadas. Lutam por um futuro bem diferente ao de boa parte dos meninos adolescentes que vivem nesta localidade dominada pelo receio e pela incerteza da existência do amanhã, onde meninos não conseguem se tornar homens, pois têm suas vidas encerradas ainda na adolescência.

Tendo como cenário este ambiente de incertezas e inquietações, o presente artigo propõe uma reflexão sobre a situação dos meninos que vivem na comunidade do Salgueiro e que buscam sobreviver a cada dia diante da violência que os cercam. Meninos que tentam “chegar adiante” e ter tempo hábil para crescerem e realizarem os seus sonhos.

Inconformado com está realidade, insatisfeito com as práticas e políticas de segurança destinadas ao Salgueiro como forma de combate à violência local (quando na verdade agravam ainda mais a situação), compartilho neste artigo a história da criação do Projeto Meninos do Sal. História está que se entrelaça com a própria história de vida do autor deste trabalho. Um legítimo e significativo exemplo da importância de não nos conformarmos com o que está posto e nos movimentarmos em busca da transformação da realidade em que vivemos, por mais difícil que ela seja.

RODAS – A PEDAGOGIA DA VIDA ENTRE ENCONTROS E DESPEDIDAS

Posso afirmar que a “Roda” é o ponto de partida que nos permite estabelecer uma ponte com o tema abordado no artigo. Através da Roda conseguiremos estabelecer importantes pistas e reflexões sobre as raízes da idealização desta intervenção chamada Meninos do Sal. Mas de que Roda estou falando? Das rodas noturnas de conversas na calçada. Aquele momento em que o corpo, já cansado da correria constante de nossas brincadeiras, parava e repousava (quase que um feito raro para os meninos da época em que fui menino no Salgueiro). De banho tomado, nós batíamos um longo papo fechando mais um dia. Falávamos das paqueras, de algum filme ou desenho animado assistido, comentávamos sobre as brigas e até de algumas histórias fantasiosas que inventávamos e que com os olhos fitos e brilhantes, quase que sem respirar, ouvíamos e acreditávamos piamente,

ainda mais se fosse assunto de assombração. A roda era um elo forte, uma ação até apaziguadora de alguns conflitos ocorridos durante o dia. Era também uma espécie de ritual que fortalecia nossos vínculos de amizade.

Apesar de seu formato, que não nos permite identificar onde começa e onde termina, a nossa roda tinha começo e fim. Ela ia se desfazendo juntamente com o silêncio das casas e das ruas. O seu fim era sinalizado pelo som de uma mãe que gritava: “fulano, tá na hora de entrar”, ou outra, já mais incisiva, berrava: “beltrano, você quer que eu vá aí te buscar”. Aos poucos o silêncio se fazia e um a um desaparecia da roda, indo renovar suas “baterias” para um novo dia que se fazia. “A seiva de uma convivência saudável é aquela em que pessoas consigam estruturar comunidades, e não apenas agrupamentos” (CORTELLA, 2015, p. 59).

As relações estabelecidas pelos meninos do Salgueiro nas décadas de 80 e 90, iam muito além do que uma simples formação de grupo. Eram amizades que se fortaleciam na reciprocidade, na proteção, no respeito, mesmo diante de alguns conflitos. Não se tratava apenas de um agrupamento de meninos, eram meninos que cresciam em meio ao verdadeiro sentido de comunidade.

E o que era ser comunidade neste período? Os meninos partilhavam objetivos comuns, crescendo em meio a um ambiente acolhedor, protegidos e cuidados não apenas por seus pais, como também pelos adultos que os rodeavam. Conviviam em meio ao “respeito e tolerância”, vivendo e construindo o verdadeiro sentido de comunidade.

Essa convivência comunitária, em que meninos interagiam e transitavam de maneira tranquila pelo bairro, independente do horário ou do local, nos indica a existência de um tempo no Salgueiro marcado pela convivência saudável, pelo respeito e pela possibilidade de meninos viverem felizes e sem medo. Porém, lamentavelmente, a Roda da convivência saudável que nos alegrava girava em uma outra direção.

A roda da vida no Salgueiro diminua gradativamente de uma maneira bem diferente. Alguns iniciaram cedo sua relação com o trabalho devido as circunstância da vida. Outros meninos foram embora, se mudaram pra outro lugar como assim fizeram nossos amigos “Morango e Creilson” (dois irmãos que moravam na esquina da minha rua e que corriam como o vento, ninguém

os alcançava ou fugia deles durante um pique). Já outros saíram de nossa roda para adentrar numa outra em que a vida giraria por pouco tempo.

Começava a perceber que alguns amigos, pouco a pouco, desapareciam não apenas de nosso grupo, mas da rua, das brincadeiras, desapareciam da vida. Na minha adolescência, o Salgueiro já não era um espaço tão favorável para os meninos como havia sido na minha infância. O tráfico e a violência policial eram mais constantes e disputavam, fortemente, essas precoces vidas. Quem dera se esses amigos tivessem tido a velocidade do Morango e do Creilson para fugir de todos esses fatores de riscos que ameaçavam suas vidas.

Os riscos estão associados, por um lado, com situações próprias do ciclo de vida das pessoas e, por outro, com condições das famílias, da comunidade e do ambiente em que as pessoas se desenvolvem (JANCZURA, 2012, p. 304).

Alguns meninos, atraídos por ilusórias promessas, impulsionados pela carência paternal ou econômica, deslumbrados pela imagem quase que heroica da criminalidade, deixavam de ser meninos para se “fazerem homens” diante deste “novo caminho” que escolhiam trilhar. O que esses meninos não percebiam era que a vida que adentravam tinha seus dias contados, semelhantes aos jogos de vídeo game ou do fliperama que jogávamos (máquinas que, atualmente, quase não vemos mais no bairro): **perdeu, acabou!** Não tem outra ficha para colocar no lugar nos concedendo uma nova vida.

Neste “novo caminho” um a um iam desaparecendo, assim como a própria rua que por muito tempo serviu de palco para nossa saudosa Roda e as infindáveis aventuras brincantes. A tão querida rua se tornava um lugar de ameaça, de perigo. O grupo de amigos diminuía cada vez mais, já que nem todos eram considerados por nossos pais como sendo “boas influências”. Visitar o campo, a quadra ou os comércios que tinham as famosas máquinas de fliperama tornou-se um risco. O Salgueiro tão querido, tão parceiro de nossa infância, ganhava um aspecto sombrio e ameaçador a vida de um

menino na adolescência. Os fatores de riscos, cada vez mais presentes, abriam as portas das vulnerabilidades para os meninos salgueirenses.

De acordo com Yunes e Szymanski (2001) a existência da vulnerabilidade se dá pela presença dos riscos. Logo, compreende-se que quanto mais riscos eram apresentados no Salgueiro, mas vulneráveis se tornavam os meninos. As autoras também indicam que as vulnerabilidades são construídas e fortalecidas por uma complexa interação composta pelas forças individuais, pelo ambiente e pela existência ou não de um amparo social. Esse cenário de riscos e vulnerabilidades fortalecia o desejo apresentado por muitos Salgueirenses de não mais querer viver neste lugar. Era comum ouvir alguém dizer a seguinte frase: “não vejo a hora de ir embora daqui”, identificando que o local se transformou num bairro indesejado e violento.

NÃO NOS CONFORMAR – ANDAR, OBSERVAR E SER AFETADO PELAS RUAS E VIDAS DO SALGUEIRO

Distante das ruas do Salgueiro, afastado das novas rodas, segui meu caminho. Terminei meu Ensino Fundamental numa escola do bairro e fui fazer Ensino Médio Técnico numa escola em Niterói. Na sequência fui trabalhar nos mais diferentes ramos: de auxiliar de padeiro a atendente de locadora de filmes e jogos. Até que em julho de 2001, com 18 anos de idade, fiz um processo seletivo para a secretaria de saúde do município e passei. Me tornei Agente Comunitário de Saúde do meu bairro. Foi nesse momento, através do viés profissional, que voltei a transitar pelas ruas do Salgueiro, pelas mesmas ruas em que fui feliz e me diverti enquanto menino. Ao “voltar para as ruas” comecei a perceber as necessidades do meu bairro, a olhar não apenas para rótulos fortalecidos através “dos perigos” que me foram alertados. “Existem muitas coisas bonitas em cada ser humano, para que seja rotulado e marginalizado” (BUSCAGLIA. 2002, p. 29).

Esses rótulos, muita vezes, partiam de “dentro pra fora”, os próprios moradores ajudavam a construir uma imagem negativa sobre o Salgueiro. Fazendo questão de apresentar os aspectos que fortaleciam a marginalização destinada as pessoas que vivem neste lugar.

Rotular o Salgueiro como um ambiente inapropriado para se viver, sem discutir as causas desses rótulos e as contribuições que perpetuam essa imagem é a maior das marginalizações que podemos vivenciar. Todas as imoralidades, como nos alerta Freire (2019) não são obras de um simples acaso, nem podem ser atribuídas aos moradores como sendo os verdadeiros responsáveis pela destruição da imagem e da história do bairro.

E foi atuando e transitando enquanto Agente Comunitário de Saúde que comecei a desconstruir esse olhar acusador. A cada rua adentrada descobria novos lugares, novas demandas, novas necessidades, assim como a enxergar que maior do que o perigo, era um povo de bem e que não fazia mal a ninguém. Reconheci através desse “retorno as ruas do Salgueiro” que existem inúmeras coisas boas em cada pessoa, para que o meu olhar focasse apenas nos rótulos que marginalizam e segregavam as histórias nesse lugar.

Durante dois anos desempenhei essa função de Agente de Saúde, visitando famílias, levando medicamentos, trazendo profissionais da saúde na casa de idosos ou pessoas acamadas, trabalhando em campanhas de vacinação e etc. Enfim, desempenhava uma espécie de trabalho que mais parecia uma “boa ação” do que uma função laboral. Na sequência, com o fechamento do posto de saúde em que trabalhava e, conseqüentemente, o encerramento do nosso contrato, volto a trilhar caminhos fora de nossa comunidade. Fui ser office boy de um escritório de contabilidade, empacotador de uma papelaria e operador de telemarketing filantrópico. Enfim, andei, andava, corria para longe, mas o “destino profissional” me trazia, novamente, pra perto do Salgueiro.

Esse trabalho que desenvolvi enquanto Agente de Comunitário de Saúde despertava e fortalecia o desejo de ser útil, de fazer pelo outro muito além do que uma simples demanda diária de trabalho. Cortella (2015) indica que esse sentimento, essa hábito de ser útil ao outro nos traz um sentido novo, engrandece a vida de quem faz e de quem recebe.

Em abril de 2005 recebi um convite para atuar como Orientador Social do Programa Agente Jovem do Governo Federal (supervisionado pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e Humano de SG – SMDS). Trabalhava com adolescentes da comunidade com idade entre 15 e 17 anos. No período inicial, atuava junto a um Instrutor Social de nível superior que

ministrava aulas sobre Convivência Familiar e Comunitária, Cidadania, ECA e Ética. Após um período de seis meses, esse Instrutor deixava a turma e eu, enquanto Orientador Social, organizava com os adolescentes ações comunitárias inspiradas nos assuntos que estudamos. E o social, o fazer pelo próximo começava a se tornar um vício em minha vida. Realizamos trabalhos em escolas, creches comunitárias, associações, postos de saúde, igrejas, campanhas solidárias, até concluirmos a turma com um ano de trabalho. Formando ali no Salgueiro os primeiros “Agentes Jovens” que visavam uma “vida melhor” e atuavam em favor da transformação de sua comunidade.

Após 3 anos de atuação no Agente Jovem, fui convidado para Coordenar o núcleo do PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), atuando com crianças do Salgueiro e adjacências, em sua maioria oriundos do trabalho com catação no lixão de Itaoca. Atuei no PETI Salgueiro por 2 anos como Coordenador e 1 ano como Pedagogo, fazendo a supervisão técnica dos polos Salgueiro, Guaxindiba e Jardim Catarina. Em seguida fui trabalhar como Pedagogo de uma Instituição de Acolhimento para crianças e adolescentes em Tanguá e com isso tomei conhecimento de uma outra realidade, de outro dilema vivido por meninos. Na sequência fui atuar em Piabetá - Magé como Pedagogo de um núcleo de atendimento especializado para crianças e adolescentes vítima de violência doméstica e\ou sexual.

Todo este percurso, rico e impactante, trilhado profissionalmente me mostrava o quanto crianças e adolescentes têm sido vítimas das mais diferentes formas de violência. E toda essa vulnerabilidade me fez olhar de maneira significativa para o meu bairro, para as crianças de minha terra, do lugar em que cresci. Essa atitude consciente e corajosa possibilitada pelo meu reencontro com uma realidade que estava tão perto e ao mesmo tempo tão distante expressa em minha história um dos grandes pensamentos de Freire.

“Não posso virar conivente de uma ordem perversa, irresponsabilizando-a por sua malvadez, ao atribuir a “forças cegas” e imponderáveis os danos por ela causados aos seres humanos” (FREIRE, 2019, p.98).

Este triste cenário em que transitei, tendo visto de perto e “sentido na pele” as mais diversas formas de violência sofrida por crianças e adolescentes, não podia ser encarado apenas como uma experiência profissional. O contato com todo tipo de vulnerabilidade, reforçava a concepção de que os fatores de riscos, ocasionados pela ação ou omissão, contribuíam para as constantes situação de violências que marcavam a vida de meninos e meninas no Salgueiro e adjacências.

Não podia mais me distanciar e aderir ao acaso tudo o que vem acontecendo com as crianças e adolescentes, em especial no Salgueiro. E esse olhar afetivo e confiante, fortalecido com o “meu retorno”, alimentava uma vontade de fazer, de criar ações que resultassem na garantia do direito à vida, do direito de crescer como eu cresci neste lugar. Era o verbo esperarçar me tomando e me movendo a fazer e não apenas a aguardar por dias melhores.

ESPERANÇAR – A ESPERANÇA QUE NOS COLOCA EM MOVIMENTO

“Não tenho de formar pessoas que se conformem. Tenho de prepara pessoas que sejam capazes de viver nesse meio, sem por ele serem derrotados.”

(CORTELLA, 2015, p. 22).

Em 2014, preocupado com a situação dos meninos no Salgueiro, fundamentado nas experiências profissionais adquiridas, amparado pelo suporte acadêmico e movido pelo sentimento de compaixão e solidariedade com o qual fui criado, iniciei em minha igreja um trabalho voluntário chamado Meninos do Sal. Uma iniciativa de cunho social que buscava “chegar antes” na vida desses meninos (antes das drogas, do tráfico, da violência e da própria morte).

Neste momento, através desta ideia, eu acreditava que era possível formar meninos que consigam conviver e sobreviver em meio a dura realidade local. E essa concepção se fortalece na própria história do criador do Projeto. Nascido e crescido no Salgueiro, o idealizador dos Meninos do Sal fez de sua história de sobrevivência uma inspiração, acreditando que é

possível que outras histórias de sucesso se repitam na vida dos meninos da atual geração.

Apesar de identificar que é possível sobreviver, tendo a própria história de vida como motivação, reconheço que a minha história foi vivenciada neste mesmo bairro, sendo que em outro contexto. Construí relações diante de uma conjuntura um tanto diferente da atual. Porém essa compreensão também me permitiu fundamentar uma intervenção cuidadosa, respeitosa e sensível, promovendo o diálogo entre o contexto atual e as “estratégias de sobrevivência” utilizadas no tempo em que fui um menino no Salgueiro.

Outro significativo aspecto na idealização do Projeto Meninos do Sal é a de que se trata de uma ação de “dentro pra dentro”. Valorizando a importância de uma proposta construída por pessoas que conhecem a realidade, que compreendem as necessidades e que acreditam nas potencialidades deste lugar.

A filosofia do Projeto compreende que transformar vidas em meio ao cenário posto é um desafio árduo, como também reconhecemos que a realidade e as chances de sobrevivência desses meninos dependem de uma rede de suportes. Não tínhamos a ingenuidade de que mudaríamos a realidade da noite pro dia ou se conseguiríamos mudar alguma coisa. O que tínhamos como alicerce no momento de nossa fundação era a de que não podíamos nos conformar com o cenário atual.

Cortella (2015) ao abordar sobre os conflitos presentes no cotidiano escolar, nos aponta uma relevante postura a tomarmos quando estamos diante de um dilema: não nos isentarmos ou aderir ao outro a responsabilidade de um determinado problema. Quando assumimos como nosso, fortalecemos a rede de pessoas que buscam resolver algo que afeta, direta ou indiretamente, a vida de todos. No momento da fundação do Projeto assumíamos a responsabilidade de fazer algo para amenizar os danos causados na vida dos meninos no Salgueiro. Nos identificamos como “corresponsáveis” pela mudança, como autores das intervenções necessárias. Nosso comprometimento era com a vida e não com as lamentações.

O nome Meninos do Sal se deu por duas razões: a primeira por seguirmos uma corrente cristã baseada nas doutrinas de Jesus Cristo que

nos ensina a sermos Sal da Terra (abençoando, cuidando e fazendo a diferença na vida dos outros), e a segunda era pelo fato dos meninos do bairro utilizarem o termo Sal (abreviatura de Salgueiro) para identificar o lugar.

Nosso público alvo são meninos com idade entre 7 e 17 anos (período de transição: infância para adolescência e adolescência para juventude). Outro fator que influenciou e nos direcionou para esta escolha foram os recorrentes casos de apreensões e assassinatos na comunidade, envolvendo meninos nessa faixa etária.

A frase “você não vai mudar o mundo” é profundamente acomodante, porque você não vai mudar o mundo se continuar achando que ele não pode ser mudado. Mas, quando você se junta com outros que acham que dá pra mudar, dá-se um passo adiante no intento de muda-lo (CORTELLA, 2015, p. 40).

Iniciamos o trabalho com apenas 6 meninos, tendo atividades com dança de rua, futsal e grupo de convivência (reunião em que conversamos sobre assuntos apropriados a idade e relacionados aos dilemas de seu contexto social). Mais à frente criamos uma sala de jogos para fortalecer os vínculos e possibilitar novos momentos de lazer (todos os jogos desta sala foram doados por um parceiro e amigo que esteve presente na fundação do projeto). Com 3 anos de atuação já estávamos atendendo 104 meninos, organizados em 3 grupos por faixa etária e tempo de projeto.

Além das oficinas já mencionadas, também realizávamos atividades culturais como idas ao teatro, cinema, museu, Maracanã e espaço Playtoy/Boliche do São Gonçalo Shopping. Todas essas ações só eram possíveis porque contávamos com a solidariedade de grandes e sensíveis parceiros que acreditavam em nosso trabalho ou por arrecadações com eventos realizados pela coordenação do projeto com o apoio dos familiares e da comunidade.

E se tem um grupo que acreditou e que se juntou ao projeto de corpo, alma e coração, foram as MÃES! Esse encontro de confiança e esperança, entre o Projeto e essas mulheres, se fortalecia a cada dia, uma vez que as mães reconheciam a realidade dura em que vivem e por buscarem de todas as maneiras meios de proteção e projeção para seus filhos. Essa vivência é tão intensa que de “Mãe do Sal” Evelyn Rodrigues (32 anos - mãe do Renan

e do Filipe) rapidamente se tornou parte da Equipe organizadora do Projeto. Com apenas 1 ano de participação de seus filhos nas atividades do Projeto, ela identificou que não estava apenas ocupando o tempo de seus meninos, ela estava diante de uma ação transformadora sendo realizada numa comunidade marcada por tantas vulnerabilidades:

- Nossa comunidade é grande, pobre e esquecida pelas autoridades, além do fato de vivermos numa localidade cercada pela criminalidade. Dentro desse contexto, nossas crianças e jovens sofrem com a falta de oportunidades e bons exemplos. O projeto Meninos do Sal é uma fonte de bons ensinamentos e esperança para nossos meninos (Evelyn Rodrigues – Mãe do Sal, 2020).

Digo que essas mães se fazem presentes através de três maneiras: Primeiro são “mães de coração: acolhendo não apenas o Projeto como um parceiro, como também acolhendo cada menino como se fosse seu próprio filho.

- Após ver como meus filhos foram abraçados, cresceram no conhecimento dos valores Cristãos, por consequência se tornaram mais atentos as necessidades dos outros, mais participativos em atividades que visavam algo além do próprio lazer e bem estar; desejei contribuir pra que outros meninos pudessem vivenciar o mesmo. (Evelyn Rodrigues – 32 anos, Mãe do Sal há 3 anos, 2020).

O reconhecimento do projeto como algo transformador na vida de sua família, refletindo nas mudanças de comportamento e atitudes de seus filhos, reforçava o desejo no coração dessas mulheres de que outros meninos vivenciassem essa oportunidade. Essa realização e gratidão enquanto mãe, vendo o seu filho caminhar bem em meio ao caos, fazia com o que elas identificassem na ação do Projeto Meninos do Sal uma espécie de parceria e possibilidade que outras mães tinham para ter a mesma oportunidade e esperança de um crescimento saudável para seus filhos.

Ao acolher esses meninos como filhos, Evelyn demonstrava não apenas gratidão, mas indicava também um sentimento de comunidade, de coletividade, de cuidado para com o outro, como se esse outro fosse o seu. As Mães do Sal assumiam a maternidade dos meninos, acolhiam esses

meninos fortalecidas pela gratidão, pelo desejo de cuidar e de ver que outros lares também poderiam ser alcançados e transformados.

Não é à toa que elas são chamadas pelos meninos de “Mães do Sal”. Muitas delas são mães solteiras, não contam com a presença paterna no sustento econômico do lar e na orientação e criação dos filhos. Essas mães, por ora, esqueciam de suas vulnerabilidades, de suas lutas pessoais, para se fazerem fortes no cuidado com seus “novos filhos”.

A segunda maneira em que se fazem presente são como “mães de bolso”: patrocinando, cozinhando, divulgando e realizando diferentes ações em prol da manutenção das atividades do projeto.

- Bem na realidade eu sou ferramenta para qualquer obra, mas amo fazer um bolinho para ajudar nas arrecadações do Projeto. Arlete Ribeiro dos Santos, 43 anos (Mãe do Josué – 4 anos de Projeto).

Não importa o local, a função ou a proposta, as Mães do Sal demonstram em ações sua gratidão e sua parceria para com o projeto. Cada uma busca atuar e contribuir com o que de melhor pode ofertar. Mesmo diante das dificuldades econômicas, que por ora, marcam as famílias envolvidas com o Projeto, essas mulheres sempre estão dispostas a contribuir.

Dentre as principais contribuições destacam-se as guloseimas que fazem. Pratos salgados, doces, quentes ou gelados, um mais saboroso que ou outro, tudo para que consigamos arrecadar fundos e garantir as ações com os meninos. Além de fazerem e doarem os mais variados pratos, essas mães reservam um valor e entregam aos filhos para que eles sejam os principais consumidores das guloseimas e os maiores contribuintes de nossas ações.

Arlete dos Santos é nossa principal “boleira”. Faz bolo de chocolate, de milho, de coco, aipim, não tem uma festa em que ela não apareça com pelos menos 2 pratos diferentes. Além de ofertar as guloseimas nos eventos, Arlete sempre que pode aparece nos treinos de futsal aos sábados pela manhã na quadra do CIEP. Montada em sua bicicleta, carregando a sua filha menor na garupa, repleta de cuidados, preocupada com o bem estar dos meninos, essa pequena grande mulher oferta um delicioso e afetivo café da manhã para a criançada treinar bem e saudável.

E por fim, se apresentam como “mães de braço”: elaborando, carregando, limpando, auxiliando, cada uma a sua maneira nos trabalhos e eventos que realizamos.

- Adoro auxiliar na organização das festas para conseguir verba que ajudam o projeto na realização de eventos, passeios e nossas celebrações de Páscoa e Fim de Ano. Gosto muito de ajudar na cozinha, a servir cada um deles, vendo os rostinhos felizes, sorrindo e agradecendo tudo que tá sendo feito por eles. Vanessa Borret Assis Alves – 38 anos (Mãe do Thierry e Brayan – 4 anos de Projeto, 2020).

As Mães do Sal fortalecem a missão do Projeto através de suas ações afetivas e esperançosas. E essa prática fica perceptível na entrega que demonstram ao realizarmos ações em favor do Projeto. A mãe que varre, também é a mãe que cozinha, que vigia, que cuida, que compra, que busca e que torce. É a mãe que sabe esperar se movendo em busca do que acredita e do que traz esperança por dias melhores.

Mulheres que vestem os mais diferentes uniformes em favor desse time. Seja torcendo na arquibancada da quadra ou servindo um prato em nossa Ceia de Fim de Ano. Fazem muito e sempre sorrindo, dispostas e confiantes de que o que estão fazendo resultará na transformação do lugar em que vivem.

Vanessa Borret é uma das mães atuante mais antiga do Projeto. Ela não apenas trouxe seu filho Thierry, como também trouxe outras mães, ao divulgar o trabalho que o Projeto realiza com os meninos. Vanessa demonstra em sua fala que sua maior recompensa não é apenas observar seu filho no “caminho do bem”, mas também ver que outros meninos estão trilhando este caminho. Ela se sente recompensada com cada sorriso que esbarra na realização das mais diversas funções, seja varrendo, recolhendo, cozinhando ou servindo. Fazendo com amor e sendo paga com gratidão. Com a gratidão dos meninos, das mães que não tem o tempo disponível para somar tanto quanto ela e dos idealizadores do projeto que reconhecem através destas relações que o projeto não alcança apenas os meninos. Essas mães como Vanessa, Evelyn e Arlete compensam em gestos de afeto e ações de apoio toda ausência de recursos que caracteriza o sustento financeiro dos Meninos do Sal.

Sem incentivo financeiro algum, nosso Projeto conta com o espaço e as instalações da Primeira Igreja Batista no Salgueiro (onde está situada nossa sede) e com a quadra do CIEP Brizolão 248 – Professor Túlio Rodrigues Perlingeiro em que realizamos nossas atividades esportivas aos sábados pela manhã. Todas essas atividades são planejadas, organizadas e realizadas tendo como objetivo mostrar para esses meninos que existe um “mundo de possibilidades” para se “viver bem e longe do mal”.

O projeto Meninos do Sal, além do viés preventivo, também organiza ações potencializadoras, buscando compartilhar informações, realizar capacitações e pensar estratégias que fortalecem a “visão de futuro” de nossos meninos. Nossa missão, já apresentada neste artigo, compreende que não basta apenas “afastar-se do mal”, uma vez que eles convivem diariamente com as mazelas provocadas pelos dilemas presentes neste lugar. É preciso apontar uma direção e fortalecer o caminho para que esses meninos alcancem seus mais diferentes objetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi quando aprendi a olhar para os lados, para o outro, para o próximo. Compreendi que sempre é possível fazer algo, nos colocando a serviço do outro. Aprendi que, viver a vida através dessa perspectiva, traz um sentido supremo à existência humana” (ARAÚJO, 2019, p. 01).

Olhar para o lado, uma simples e grande atitude que precisamos ter. Uma atitude tão “pequena”, porém repleta de significados. Passar por ruas e enxergar para além dos rótulos, valorizando o outro em sua legitimidade, reconhecendo-o como sujeito de direitos. Olhar, ver e identificar as necessidades, os dilemas e as potencialidades que existem no Salgueiro foram fundamentais para conjugação dos verbos Freireanos.

Não bastava apenas enxergar a realidade vivida por esses meninos no Salgueiro, até porque seria algo muito fácil, pois também faço parte dessa realidade marginalizada. Além de olhar para o lado era preciso fazer algo pelo outro, por esse outro que estava tão próximo e ao mesmo tempo tão distante. Percebi que o Projeto Meninos do Sal poderia ser uma grande resposta a

violência que marcava as vidas neste lugar, especialmente, dos meninos. Identifiquei naquele momento que não precisava de muito para fazer o simples.

E de que simples estou falando? Da simples e ao mesmo tempo grandiosa atitude de não nos conformarmos, de não aceitarmos o que afetava e colocava em risco as nossas vidas. Pra isso que surgiu o Projeto Meninos do Sal, pra trazer vida e esperança em meio a morte. Fazendo por esses meninos, que em nada podem ser responsabilizados por todas as atrocidades que acontecem neste bairro. Compreendia que trazer sentido à vida era possibilitar a existência de um amanhã e o rompimento com o medo de morrer.

O Projeto Meninos do Sal, digo com certeza, mudou muito mais a minha vida do que a dessa centena de meninos que por aqui passaram. A cada menino que conheci, que convivi, aprendi, cuidei, abracei e aconselhei, faziam de mim um ser humano melhor e renovava minhas forças na continuidade desta missão diante dos grandes desafios que tentam nos parar e nos fazer desistir. Esses meninos são os verdadeiros protagonistas desta história, que teve início comigo e que se perpetua nas mãos e nos pés desses pequenos grandes homens, desses 6 que, intensamente, se multiplicaram e deram vida ao Projeto Meninos do Sal.

Freire (2019) nos apresenta a educação como sinônimo de intervenção, como possibilidade de interferir positivamente no mundo em que vivemos. Freire também nos “abre os olhos” e nos permite enxergar e discernir fatalidades de imoralidades. A violência implantada, vivida e cada dia mais intensa aqui no Salgueiro não faz parte de meros acasos cotidianos e está muito distante de se encaixar nas “fatalidades nossas de cada dia”.

Os verbos Freireanos que me mobilizaram e me impulsionaram a criar uma resposta indignada ao cenário posto no Salgueiro, fazem parte de conjugações que deveriam estar presentes não importa o “tempo ou a pessoa” do verbo. Freire que nos moveu a libertação, a autonomia, a indignação, a mudança, a conscientização, hoje, mais do que nunca, nos convoca a conjugar o verbo esperar.

Esperança a esperança que nos coloca em movimento e não nos paralisa a espera de algo. Esperança que não pode estar atrelada ao paciente

processo de aguardar. Esperançar fazendo acontecer, concretizando por nossas ações, por nossas palavras. Até porquê um futuro melhor em nada tem a ver com a esperança do verbo esperar, mas sim do esperançar.

Ao reconhecer que, precisamente porque nos tornamos seres capazes de observar, de comparar, de avaliar, de escolher, de decidir, de intervir, de romper, de optar, nos fizemos seres éticos e se abriu para nós a probabilidade de transgredir a ética, jamais poderia aceitar a transgressão como um direito, mas como uma possibilidade. Possibilidade contra a que devemos lutar, e não diante da qual cruzar os braços. Daí a minha recusa rigorosa aos fatalismos quietistas que terminam por absorver as transgressões éticas ao invés de condená-las.

(Paulo Freire, 2019, p. 98)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Margareth Martins. **Pesquisa Social: Diálogos com crianças trabalhadoras**. 1 ed. São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2015.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**, Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARROYO, Miguel Gonzales. **O significado da infância**. I Simpósio Nacional de Educação Infantil. Anais. Brasília: MEC, 1994. p. 88-92.

BRANDÃO, Carlos. Rodrigues. **O Educador: vida e morte** / Carlos Rodrigues Brandão, Marilena S. Chauí, Paulo Freire. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

BUSCAGLIA, Leo. **Amor**. 22ª ed. Rio de Janeiro: NOVA ERA, 2002.

CORTELLA, M. **Educação. Convivência e ética: audácia e esperança!** / Mario Sergio Cortella – São Paulo: Cortez, 2015.

DOURADO, Ana. **A discriminação sob o ponto de vista das crianças e adolescentes** / Ana Dourado, Cida Fernandez. Rio de Janeiro: Save de Children Suécia, 2000.

FREIRE, Madalena. **A Paixão de conhecer o mundo** – Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983. 123 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa/Paulo Freire** – 60ª ed – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 25ª ed. (1ª edición: 1970). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GRINSPUN, Mirian. P. S. Z. **A orientação educacional: conflito de paradigmas e alternativas para a escola** / Mirian P. S. Z. Grinspun. – 4, ed – São Paulo: Cortez, 2010.

HOLANDA, Chico Buarque de. **Roda Viva**. 1967.

JANCSURA, Rosane. **Risco ou vulnerabilidade social?** Textos & Contextos, Porto Alegre, v. 2, n. 2, 2012. p. 301-308

JARES, Xésus R. **Pedagogia da Convivência**. Tradução de Elisabete de Moraes Santana. Editora Palas Athena, 2008.

LYRA, Eduardo. **Jovens Falcões: O espírito transformador da juventude brasileira / Eduardo Lyra**. – Barueri, SP: Novo Século Editora, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28. Ed. RJ: Vozes, 2009.

RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco (Org.). **A Arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil**. – 3. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

ROCHA, Ruth. **Os Direitos das Crianças segundo Ruth Rocha**. – São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

SILVA, R., NETO, J., MOURA, R. (Org.). **Pedagogia Social** – São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2009.

SIERRA, Vânia Morales; MESQUITA, Wanda Amélia. **Vulnerabilidades e Fatores de Risco na Vida de Crianças e Adolescentes**. São Paulo em Perspectiva, v. 20, n. 1, 2006. p. 148-155.